

O perigo de guerra.

Peypin d'Aigues, 20/2/80: O termo "guerra", o qual está se tornando mais frequente nos textos e nas conversas, tem atualmente três significados. O primeiro diz respeito às contendas militares entre estados tidos por secundários, e nas quais as superpotências estão envolvidas apenas indiretamente. Exemplos: guerra do Yom Kippur, guerra entre Algéria e o Marroco, possível guerra entre Argentina e Chile. O segundo significado diz respeito às contendas nas quais uma das superpotências, mas não a outra, está envolvida. Exemplos: guerra do Vietnã, guerra do Afeganistão, possível guerra entre americanos e perdas. O terceiro significado diz respeito à Terceira Guerra. Os primeiros dois significados fazem parte de discursos racionais: são problemas ponderáveis. O terceiro significado torna irracional e imponderável todo discurso no qual aparece. A ele será dedicado o presente artigo.

A Terceira Guerra. A noção de "Terceiro" tem conotações mágico-míticas que brotam de regiões profundas da alma. 'E a triade, o triângulo, o tridente, que são estruturas que culminam no seu terceiro elemento. A Trindade cristã é disto exemplo importante na historia do Ocidente: a época do Pai, seguida da época do Filho, culminará na época do Espírito Santo. No pensamento dialético a estrutura mágico-mítica se formaliza: a tese e a antítese são superadas pela síntese. Na lógica, o "Terceiro excluído", (ou algo é, ou não é, e não há terceira possibilidade), talvez revele melhor que alhures o poder mágico que o Terceiro exerce sobre as nossas mentes: o princípio do "Terceiro excluído" se mantém a despeito da experiência concreta, (algo pode perfeitamente ser e não ser simultaneamente, por exemplo: o dançarino australiano é e não é canguru, e a luz é e não é onda). Aliás: o "Terceiro Reich" tem demonstrado recentemente até que ponto a magia do Terceiro ofusca a mente. Isto se deve, possivelmente, à curiosa simetria bi-polar que caracteriza a existência humana, e que está préfigurada no corpo humano: direita-esquerda, bem-mal, positivo-negativo, sim-não, e o Terceiro enquanto totalidade culminante. Bichos com simetria diferente e dotados de mentes, (por exemplo octopos inteligentes), talvez não estariam obsecados por Espíritos Santos, sínteses, Terceiros excluídos, Terceiros Reichs e Terceiras guerras. - Nas conversações atuais o termo "Terceiro" ocorre em três contextos: a "Terceira idade", o "Terceiro mundo", e a "Terceira guerra". A Terceira idade é a da aposentadoria: nela as duas idades anteriores, a escolar e a produtiva, culminam. O Terceiro mundo é o dos miseráveis: nele o mundo capitalista e o socialista se derretem. No fundo, Terceira idade, Terceiro mundo e Terceira guerra são sinônimos da morte. São as três máscaras sob as quais a morte aparece atualmente na Europa. A morte é o Terceiro, o "tertium gaudens". 'E dela que se trata quando se fala em Terceira guerra.

morte não é assunto do qual se possa falar racionalmente. Não é conceito concretizável: por definição, aonde estou eu, lá não pode estar a minha morte, e aonde está a minha morte, lá não posso estar eu. Por certo: posso viver a morte de outrem, e, esta sim, é um dos dados concretos do meu mundo. Mas a morte de outrem não é a morte, porque ocorre dentro da minha vida e pode ser ultrapassada por minha vida. Se, por "simpatia", projeto minha experiência com a morte de outrem dentro da minha própria morte, afim de compreendê-la, (compreender o incompreensível), falseio minha morte: a morte de outro é minha perda, (o mundo ficou mais pobre quando o outro morre), mas minha morte não pode ser minha perda, (não estou aonde está ela). E se objetivo a morte por generalização das mortes dos outros, se transformo a morte em "problema objetivo e cientificamente pesquisável", perdi minha morte de vista: minha morte não é "problema", porque para que algo possa ser problema, deve ser encontrável, o que precisamente não acontece com minha morte: ela se encontra lá aonde eu não me encontro. De modo que quando se fala em morte, sempre se fala na morte de outrem. E quando, pretensamente, se fala na própria morte, é que se fez cambalhota graças à qual quem fala se torna seu próprio outro. A própria morte é indisutível.

Pois é precisamente isto que está acontecendo nas discussões que têm a Terceira guerra por assunto. Tratam da Terceira guerra dos outros. É inconcebível que se possa tratar de mim, porque a Terceira guerra é minha morte, e minha morte não pode ser discutida: é incomunicável. Todas as discussões que tratam da Terceira guerra são necessariamente irracionais, porque necessariamente falseiam o dado concreto. Transformam a Terceira guerra em problema, mas ela não pode ser problema a ser discutido: lá aonde está a Terceira guerra, não posso estar eu, e aonde estou eu, lá não pode estar a Terceira guerra. Por definição, a Terceira guerra não é meu problema, porque por definição ela se passa alhures, aonde quer que eu me encontre.

É nisto que reside o perigo da Terceira guerra. Já que ela não é meu problema, e não pode sê-lo, pode ser discutida. E tal discussão está ocorrendo em todos os níveis, desde o da conversa fiada até o dos ditos "detentores das decisões". No mundo dos "subdesenvolvidos" a Terceira guerra é problema dos países ricos e lá será travada. Na Europa é problema dos americanos, e será travada entre eles e os russos. Nos Estados Unidos é problema do equilíbrio de forças, e será travada no Terceiro mundo e na Europa. No campo é problema das cidades: serão elas que serão arrasadas. Nas cidades é ela problema das usinas atômicas e instalações de foguetes distribuídas pelos campos afora. Para os chineses é ela problema de regiões esparsamente povoadas: na China haverá sempre sobreviventes. Nos países pouco povoados é ela problema de regiões superpovoadas como o é a China. E inclusive quando se admite que a Terceira guerra passará por perto, jamais poderá atingir-me diretamente. Aonde estou, lá está o "lugar privilegiado", pela simples razão que é o lugar no qual me encontro eu.

Isto torna as discussões que têm a Terceira guerra por assunto experiência espectral e espírita: são discussões entre ausentes. São espectros e espíritos desencarnados que estão discutindo. Os megatons, os mísseis intercontinentais, as forças de persuasão e os satélites operacionais que pairam por cima de tais discussões são ectoplasmas. Há, em torno de tais discussões, o clima daquele irracionalismo transvestido em cálculos pseudo-científicos e em argumentos paranoicamente pseudo-lógicos que caracteriza as sêances do espiritismo. Mas há esta diferença: as sêances espíritas dos estrategistas, analistas de sistemas, políticos, diplomatas e demais "detentores do poder" podem resultar em materializações eficientes. Os espíritos por eles invocados podem efetivamente "baixar" e tomar conta do terreno. E a Terceira guerra, a qual até agora é problema dos outros pode efetivamente passar a ser o que ela é potencialmente: problema para ninguém, porque morte.

O dever do intelectual, em tal conjuntura, é o de constantemente insistir sobre o fato que a Terceira guerra não é problema. Não é problema meu, como não é problema de outrem. Não é problema econômico, político, estratégico, não é problema imediato ou de um futuro distante, não é sequer problema a ser evitado. Não é problema "tout court": é indiscutível. O dever do intelectual em tal conjuntura é insistir constantemente sobre o fato que a Terceira Guerra é indiscutível. Não apenas no sentido de ela não dever ser discutida, mas sobretudo no sentido de ela não poder ser discutida. O dever do intelectual é demonstrar que toda aparente discussão da Terceira guerra é discussão de outra coisa, mas que pode resultar em Terceira guerra. Em suma: o dever do intelectual, atualmente, não é discutir a Terceira guerra, mas discutir as discussões sobre ela. Já que são elas o verdadeiro perigo.

A Terceira guerra se distingue das duas anteriores precisamente por este fato: ser ela indiscutível. As duas guerras anteriores, (como todas as demais guerras), são catastrofes a serem discutidas: analisadas, desmitizadas, refletidas em todos os seus detalhes, para serem demonstradas o que são: crimes. Mas a Terceira guerra é de ordem diferente: não é catástrofe, mas situação de limite. 'E a morte. 'E neste sentido mágico-mítico que ela é "Terceira". O dever do intelectual é opôr, ao poder mágico-mítico, o poder da razão humana. A que reconhece seus próprios limites, a que reconhece o poder derradeiro da morte, mas que opõe a tal indignidade do "destino" a decisão em prol da liberdade. O perigo da Terceira guerra é o do destino que vai se cumprindo, e o dever do homem livre é o de opôr a tal destino o poder da razão humana. 'E nela que reside toda esperança. E até se perdermos tal esperança, nosso dever é o da insistência sobre a razão, a qual é nossa única arma mesmo em luta desesperada. Porque mais que sobrevivência, o que está em jogo é a dignidade humana, e a Terceira guerra é a suprema indignidade: a morte.